

La experimentación y la reducción teórica en el pensamiento de Claudio Souto: algunas anotaciones en sus fundaciones centrales.

Maria de Fatima Yasbeck Asfora.

Cita:

Maria de Fatima Yasbeck Asfora (2007). *La experimentación y la reducción teórica en el pensamiento de Claudio Souto: algunas anotaciones en sus fundaciones centrales. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-066/1121>

Las fundaciones centrales de la experimentación y de la reducción teórica en el pensamiento de Cláudio Souto

Maria de Fatima Yasbeck Asfora *

Introdução

A amplitude da produção bibliográfica sociológica dos últimos anos não obscurece as expressivas percepções que advertem sobre a debilidade vigente na teoria do social.

Em 1990, quando questionado sobre a conjuntura crítica da Sociologia, Eisenstadt (apud LEVINE, 1997, p. 266) afirmou que as tendências para a desintegração teriam ganho a batalha.

Tal situação permanece no início deste século, assinalada por respeitáveis avaliações, como fez Boudon (2003), quando advertiu para o fato de que a explicação nem sempre constitui o principal objetivo com que os sociólogos parecem se ocupar.

A precariedade das explicações apresentadas nos estudos sociológicos é preocupante, quando comparada à avalanche de um tipo de saber marcado por vasto material informativo, descritivo, mas carente de valores cognitivos, incapazes assim de delimitar o campo específico da cientificidade. Daí decorre uma certa vulnerabilidade existente na Sociologia, que ainda não possui elementos suficientes para elaborar análises, capazes de alcançar um maior rigor axiomático, através de definições, postulados e teoremas ligados dedutivamente. Tal vulnerabilidade também é reforçada pela reserva e muitas vezes descrédito com que a utilização do método experimental é vista por parte numericamente significativa dos pesquisadores das ciências humanas.

Autores como Gross e Krohn (apud SOUTO, 2006, p.64) qualificam o experimento nas ciências sociais como marginalizado, fundamentando suas objeções na idéia de que se natureza e cultura são essencialmente diferentes e assim também são os seus respectivos instrumentos de pesquisa.

***Socióloga, Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil.**

Daí decorrem argumentações contrárias ao experimento, através das idéias de que os temas são complexos demais para a experimentação; que os fenômenos sociais excluem controle por parte do experimentador; de que não existem leis causais a serem encontradas no domínio das relações sociais (formadas por significado, intenção, reflexividade e instituições) e que os experimentos artificiais sobre a sociedade seriam insustentáveis do ponto de vista ético.

Apesar das objeções desse tipo - aliás rebatidas com facilidade, ponto por ponto, por Cláudio Souto (2006, pp.174-175) - as tendências para uma mudança já podem ser avaliadas, embora sem grandes repercussões, através de alguns cientistas e/ou instituições qualitativamente expressivos.

Enquanto em meados da década de sessenta pesquisadores de nível elevado como Kerlinger (1964), Campbell (1968) e Martindale (1968) alertavam, embora sem apoio institucional, sobre a importância do procedimento experimental para lograr-se a ciência, recentemente o *CESS, Centro de Estudos Sociológicos da Sorbonne*, realizou no decorrer dos anos de 2004 e 2005 um amplo Seminário denominado *Sociologia: Teorização e Experimentação*.

Com ênfase na idéia de que a experimentação é solidária à teorização, as discussões realizadas naquele evento trabalharam conceitos relacionados à experimentação, buscando situá-los no espaço teórico das ciências sociais. Dentre os conferencistas centrais figuravam Dominique Raynaud, Alain Ehrenberg, Jean-Michel Berthelot e Raymond Boudon.

No Brasil as análises nessa área já começam a despertar interesse na nova geração de pesquisadores do social, que possuem como ponto de partida os instigantes e argutos estudos de Cláudio Souto. Ressaltando a necessidade de explicações científicas rigorosamente abrangentes, sem excluir o valor das colaborações que apresentam menor rigor, o autor (SOUTO, 2006, p.175) destaca a necessidade de experimentos, qualificando de “estranhável” o estado praticamente não experimental da Sociologia, pelo fato do ideal da ciência ser o experimento controlado, tal como já foi advertido por metodólogos respeitáveis e reiterado por Martindale (1968), quando assinalou que o experimento desempenhou com respeito à Ciência o mesmo papel que a prova racional havia desempenhado para a Filosofia.

Assim, por ocasião do *XXVI Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia*, percebendo a necessidade de registrar a repercussão positiva, que esta nova proposta teórica poderá causar na trajetória da teoria do social, não houve

dificuldade em escolher Cláudio Souto como o autor contemporâneo representativo da possibilidade de um novo rumo na teoria sociológica com implicações metodológicas.

Mesmo tendo diante de si este amplo horizonte vinculado à Teoria do Social, é necessário destacar que Souto evidencia a sua posição de que o experimento não constitui o único caminho, ou o sempre mais apropriado para a abordagem das relações sociais ou de quaisquer outras relações estudadas cientificamente.

Defensor da necessidade de uma redução teórica básica, para que seja possível aplicar a experimentação de um modo mais seguro e extenso na área do social, ele também deixa bastante claro que nos experimentos “não se trata de transformar a sociedade em cobaia de risco para experimentos artificiais, que sempre podem ter resultados negativos e por vezes danosos.” (SOUTO, 2006, p.175).

Neste ponto cabe assinalar que suas idéias fundamentais foram testadas por ocasião do seu doutoramento na Universidade de Bielefeld, reconhecida, então, como o maior centro sociológico da Alemanha.

1. Cláudio Souto – breve informação biográfica

Professor Titular Emérito do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco e Doutor em Ciências Sociais (Dr.rer. soc.) pela Faculdade de Sociologia da Universidade de Bielefeld (Alemanha).

Doutor, Livre-Docente e ex-regente de cátedra pela Faculdade de Direito do Recife da Universidade Federal de Pernambuco.

Professor Titular na Faculdade de Direito da Universidade Católica de Pernambuco da primeira cadeira de Sociologia do Direito do país.

Pesquisador do Departamento de Sociologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (MEC), havendo coordenado nesse instituto a primeira pesquisa sócio-jurídica empírica brasileira.

Pesquisador Fundador do Instituto de Ciências do Homem da UFPE, de onde se originou a pós-graduação em Ciências Humanas dessa Universidade. Pesquisador 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e consultor desse órgão.

Pesquisador Fulbright nos Estados Unidos, onde foi “Visiting Research Fellow” no “Southwestern Legal Center” (Dallas) e “Visiting Research Scholar” das “Graduates Faculties” da Universidade de Columbia (New York).

Professor Visitante na Universidade de Colônia, Alemanha, por duas vezes, em programa da Fundação Alexander von Humboldt, tendo coordenado e realizado nesses períodos duas pesquisas sociológicas empíricas.

Professor Visitante no Centro de Pesquisa Interdisciplinar (Zentrum für interdisziplinäre Forschung) da Universidade de Bielefeld.

Possui artigos e livros científicos divulgados no Brasil e no exterior, através dos quais é possível perceber que o estímulo à autonomia intelectual do leitor constitui uma das suas mais fortes características. Seguindo essa marca, o esclarecimento das questões apresentadas no decorrer da sua produção não busca imposições de determinadas perspectivas de pensamento.

Em solenidade realizada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em agosto de 2000, que marcou uma homenagem a Cláudio Souto e Miranda Rosa, Joaquim Falcão (2003, p.30) lembrou o valor da obstinação transestadual e também transnacional, demonstrada por Souto, quando da sua procura de um espaço institucional que acolhesse a Sociologia do Direito. Naquele pronunciamento o autor foi qualificado como “a pessoa menos arrogante do mundo”, característica louvável e que não parece ter sido obstáculo para o seu convívio em constante enfrentamento com alguns adeptos de métodos já cristalizados e prestigiados nos meios universitários.

Mantendo-se alheio aos modismos e também às batalhas intelectuais, tão presentes nos meios acadêmicos sobre vertentes teóricas, o autor não se enquadra junto aos dialéticos, nem tampouco aos funcionalistas. Defensor da vertente indutivo-causal para se tentar um maior rigor conceitual e proposicional, ele afirmou em entrevista concedida a Eliane Junqueira em 1997, que se existe uma corrente na qual pudesse ser colocado seria o individualismo metodológico. E explica: “... essa coisa de que o método dialético é o método de confiança... ou o método causal... ou o funcionalismo... Depende do gosto do pesquisador, do teórico... do tema. Por exemplo, escrevendo sobre macrossistemas internacionais ideológicos, eu senti necessidade da perspectiva dialética. Mas, para definir o direito como fenômeno social de maneira mais precisa e para estabelecer uma proposição teórica rigorosa é preciso uma abordagem indutivo-causal, usada pelo positivismo lógico, pelo individualismo metodológico. (...) quando escrevo não penso em público e não penso em auditório. Quando escrevo, escrevo vocacionalmente, sobre um assunto de que gosto e em que, na minha opinião, poderia dar uma contribuição (...) Sou uma pessoa marginal, remo contra a maré”. (IN: PEREIRA e GOMES NETO, 2003, pp.346 e 349).

Se o autor já se sentiu “remando contra a maré”, em contrapartida para grande parte dos seus leitores as matrizes da explicação sociológica por ele elaboradas representam novas âncoras, além da coragem de inovar, de assumir riscos e críticas.

Na Alemanha, comentando o trabalho desenvolvido por este autor, Niklas Luhmann faz o seguinte registro:

“Quem procure uma resposta teórica à questão da unidade do domínio objeto da Sociologia dificilmente encontrará textos que coloquem esta questão, quanto mais que tentem respondê-la (...) Os trabalhos do sociólogo brasileiro Cláudio Souto (...) empreendem uma tal tentativa. Eles vivem do interesse no questionamento, não da inserção em conexões de discussões teóricas afirmadas (...) Trata-se simplesmente do manejo de uma questão especial: como se pensaria a unidade do social e como se a traria a conceitos e proposições científicas. (...) Não se trata de uma variação apenas superficial da oferta teórica corrente”. (LUHMANN, 1984, pp. 9 e 12).

2. Uma tentativa de redução teórica

A ênfase freqüente sobre a importância da abordagem metodológico-individualista é realizada na obra de Cláudio Souto em paralelo com o esclarecimento de que este enfoque possibilitará uma construção teórica capaz de ultrapassar o meramente descritivo e correlacional. E caminhando nessa diretriz o autor inclui a sua interpretação de que o individualismo metodológico pode ser visto como uma reação à perspectiva durkheimiana sobre os fatos sociais, na qual estes seriam explicáveis por fatos sociais, sem referência ao mental individual.

Entretanto é feita a ressalva consoante a qual não se pode desconhecer ter Durkheim assegurado no seu livro as *Regras do Método Sociológico*, que não existe inconveniente algum em dizer-se da Sociologia que ela é uma Psicologia, caso se tome cuidado em acrescentar que a psicologia social tem suas leis próprias que não são as da psicologia individual (DURKHEIM:1960, p.352).

Desse modo Souto segue no processo de elaboração da sua proposta, sem contestar que o coletivo pode ser explicado pelo coletivo (cf. DURKHEIM, 1968, pp. 109 e 111), mas alertando que isto ocorre em um nível menos abrangente de explicação e que não há porque não tentar ampliar, ao máximo cientificamente possível, essa abrangência, procurando-se atingir um modelo teórico-geral unificado que alcance, ao mesmo tempo, o mental e o social.

Tal referência ao individualismo metodológico (SOUTO, 1994, pp.31-38) localizando o elemento mental individual como aquele que produz o social e deixa nele suas marcas de origem - localização essa encontrada já em seus escritos mais antigos, antes que o individualismo metodológico se tornasse moda - fez com que o autor ficasse identificado numa posição minoritária dentre os cientistas sociais, minoria esta que se mantém quase que inalterada no início desta nova década.

Este nível de adeptos reduzidos dentre os cientistas sociais motivou o autor para aprofundar a busca sobre os fatores que causam essa posição, resultando numa tipologia básica, na qual as razões são apresentadas em dois grupos: exógeno e endógeno ao próprio individualismo metodológico.

Dentre as razões exógenas está a própria tradição acadêmica, que se caracteriza por pouca criatividade e por ser conservadora de um reduzido rigor metodológico. Abordando este panorama o autor revela uma postura crítica, registrando que esta espécie de acomodação às vertentes teóricas e metodológicas já consagradas vêm conseguindo firmar carreiras acadêmicas, verdadeiros cultos a determinados nomes ou títulos, fatos estes que possivelmente inibem os pesquisadores, que vêm preferindo não arriscar seus interesses, utilizando novas modalidades metodológicas.

Quando se verifica que a maior freqüência de abordagens adotadas entre os cientistas sociais evidencia o funcional, o correlacional e o dialético, enquanto o indutivo-causal não é central nas suas preocupações, tudo parece indicar que se mantendo nessas posições os pesquisadores se sentem distantes de um fisicismo, já considerado ultrapassado no âmbito das Ciências Humanas.

Dentre as razões endógenas apresentadas estão o descrédito quanto ao rigor efetivo da explicação, proveniente do individualismo metodológico, bem como a inexistência de uma tradução rigorosa das suas proposições em operações de pesquisa. Segundo o autor parece evidente que formulações teóricas que se pretendam mais rigorosas que as usuais em Sociologia deverão também apresentar capacidade de testabilidade rigorosa. E reconhece que este método tem prometido bem mais, em termos de rigor, do que tem podido cumprir, pois seu nível de abrangência teórica tem sido quase sempre baixo em relação ao que pretende de rigor explicativo. Daí sua iniciativa em empreender uma tentativa de redução teórica mais abrangente, que possa diminuir ou mesmo afastar o descrédito referente ao rigor efetivo das explicações.

Através das últimas idéias aqui focalizadas é possível verificar que no universo contemporâneo da Teoria Sociológica os nomes de Raymond Boudon e Cláudio Souto apresentam fortes semelhanças e que através desses autores, possivelmente, serão trilhados novos rumos em direção a uma teoria sociológica marcada por uma maior abrangência explicativa.

Dentre essas semelhanças serão destacados os seguintes elementos:

- a) suas observações enfáticas sobre a pouca criatividade demonstrada pela sociologia, bem como sobre a sua reduzida capacidade de explicação;
- b) suas atitudes simpáticas com relação às teorias gerais dos físicos, sem que com isto se identifiquem como defensores de um fisicismo;
- c) suas resistências em aceitar a idéia durkheimiana da explicação do social, que elimina o psíquico, embora reconheçam nela algumas aberturas e até mesmo uma utilização dessa perspectiva metodológica.

Embora a precariedade teórica da Sociologia seja bastante divulgada, a forma enfática com que a referida questão vem sendo reiterada constantemente por esses dois autores aproxima os seus campos de interesse. Para Cláudio Souto (1987, p.6) “Pensar sociologicamente não será algo que se esgote em um mero levantamento descritivo de dados”. O fundamental do pensar sociologicamente estaria na reflexão crítica e, sobretudo criativa: “A alma da atitude sociológica está em explicar os fatos sociais concretos por proposições (teses) gerais, em forma de lei científica”.

De modo semelhante, Boudon (1995, p.7) além de destacar o crescente ceticismo em relação à sociologia, ele explica que seu trabalho teórico “... de modo nenhum é meramente uma descrição do objeto (...) é uma resposta à questão que eu quero que seja universalmente aceitável”.

Quanto às afinidades da abordagem metodológica individualista aplicada ao social com a Física, estas não constituem ameaças, nem incomodam os dois autores citados, como acontece freqüentemente com a grande maioria dos cientistas sociais. Pelo contrário, Souto faz referências à acolhida de Boudon ao modelo da escolha racional, que é muito aproximado das teorias gerais dos físicos, acrescentando que a abordagem metodológica individualista está em plena afinidade com a nossa época, eminentemente científica e tecnológica (2006, p. 219).

No aspecto referente à resistência em aceitar a explicação do social apenas pelo social, Boudon (1982, p.6) cita exemplos de que embora Durkheim tenha repugnado a metodologia individualista, esta pode ser localizada em alguns dos seus estudos, como por exemplo na análise sobre o suicídio. Tal posição, reiterada em

entrevista realizada em 1995, foi qualificada por Souto (2006, pp. 220-222) como adequada, acrescentando ainda que o mestre clássico jamais pretendeu que as suas idéias metodológicas fossem vistas como dogmas ou algo aprisionante do futuro (op. cit., p. 221).

É necessário lembrar que seus estudos publicados em 1997 já ressaltavam a abordagem do psíquico em Durkheim (SOUTO, 1997, p.151-166) e esclareciam o caráter pioneiro e provisório daquela metodologia.

Comprovando que não interpreta as idéias de Durkheim como dogmas, Souto não somente ressalta o fator mental no seu modelo teórico, mas avança e aprofunda tal raciocínio, quando considera o mental e o social como processos mentais *lato sensu*, fato que viabiliza uma teoria geral unificada do mental e do social.

Talvez a diferença maior entre Boudon e Souto é o nível de abrangência com que trabalham teoricamente: em Boudon esse nível atinge as crenças, as quais, na perspectiva de Souto (2006, p. 222), seriam elementos derivados de sentimentos, idéias e volições (*siv*). Essa abrangência *siv*, que seria máxima nos campos do mental e do social, possibilitaria a Souto a construção de proposições determinísticas – proposições essas relativas, não-exatas (como em toda ciência substantiva), apenas altamente prováveis. (SOUTO, 2006, pp. 222 e 11-12).

Na segunda edição do seu livro Teoria Sociológica Geral, publicado em 2006, no Brasil, o autor assinala os elementos imprescindíveis para a existência de uma teoria rigorosa na sociologia. Sua proposta de redução sociológica se apresenta com possibilidades de verificação empírica, incluindo a observação informal, as técnicas de pesquisa usualmente mais aplicadas e a experimentação. As proposições -- postulados e teoremas - são apresentadas, dedutivamente concatenadas, ultrapassando desse modo os esquemas conceituais descritivos, estes fundamentais, mas não suficientes para compor um quadro científico-social satisfatório.

Registrando a necessidade de definir a interação social, o conceito básico na ciência social, de forma tão exata quanto possível, para integrá-lo na sua proposta de construção teórica, o autor reconhece, como se viu, nos sentimentos, nas idéias e volições os traços típicos da vida mental do homem, refletidos na realidade social. Tal realidade, que é inter-humana e por ser específica não deixa de ter uma base psicológica, não deixando de ser “metapsicológica”, conforme a sua diretriz proposta (SOUTO, 2006, p.21).

É possível verificar que esta primeira tipicidade permite uma redução sistemática em processos básicos, tanto na realidade individual, como na grupal.

Desse modo é apresentada a seguinte definição do processo da interação social: ação relacionada e exteriorizada de pelo menos dois compostos *siv*, sendo *s*= *sentimento*, *i* = *idéia* e *v* *vontade* (positiva ou negativa: querer ou não querer).

É possível verificar que através desta redução a interação social não é entendida no seu sentido restrito de ação recíproca, mas em seu sentido amplo, correspondente à ação relacionada, que pode ocorrer ou não de modo recíproco. Analisando a redução teórica *siv* (sentimento, idéia e volição) o autor observa que "... se trataria da novidade de algo que se aproxima de um individualismo forte de altíssima abrangência – e forte ao ponto de ser até tentativamente determinístico – já que pertinente à interação social como processo intermental exteriorizado, ou mais especificamente, como processo *intersiv* exteriorizado." (SOUTO, 2006. p. 231).

Sobre esta redução, é necessário lembrar os estudos realizados por Levine, Sober e Wright em 1987 (apud SOUTO, 2006, p. 224) quando concluem sobre a impossibilidade de uma microrredutibilidade de "tipos" referentes ao social, utilizando como exemplo a água como substância: "Quando dizemos que a água é redutível a H_2O , queremos dizer que quaisquer efeitos da água podem ser reduzidos a efeitos de H_2O . (...) Alguma coisa é *água*, se e somente se, ela é *um conjunto de moléculas H_2O* . Todavia, no caso dos fenômenos sociais (e estados mentais), não há, de fato, nenhuma correspondência similarmente única entre *tipos*".

Contestando os autores, Souto (2006, p. 224) parece comprovar de modo seguro que essa correspondência existe, quanto ao social e quanto ao mental, quando o tipo básico *siv* é utilizado: "O tipo ou categoria *siv* é análogo, *mutatis mutandis*, ao tipo químico H_2O : toda água é H_2O , todo fenômeno mental ou social é *siv*, e se distinguem, o mental e o social, apenas pela exteriorização e pela quantidade de pólos interativos (todos do tipo *siv*)".

Pela abrangência do *siv*, que, como foi visto, seria máxima quanto ao mental e ao social, se facilitaria a elaboração de proposições determinísticas na sociologia, que, *uma vez descobertas*, parecerão triviais. Neste ponto Souto (2006, p.229) parece responder antecipadamente a algumas reações céticas, que podem surgir dos cientistas sociais, citando exemplos das leis da Física, e através de expoentes como Newton e Einstein que também criaram uma situação de "obviedade", depois das suas descobertas.

Uma segunda tipicidade objetiva, possível de permitir uma redução sociológica seria o normativo básico, que apresenta um maior tamanho que a primeira tipicidade, e que também constitui um indicador de uma condensação generalizada da vida

social. Neste aspecto vale lembrar Sorokin (apud SOUTO, 2006, p.23) quando em 1969 já afirmava que uma das razões das deficiências nas teorias de sistemas sociais é o fato de que quase todas elas omitirem os valiosos conhecimentos dos códigos legais e da ciência teórica do Direito.

Quanto aos postulados, o autor inicia suas proposições básicas tratando da distância social, por considerar essencial teoricamente uma proposição mais geral, possível de explicar sempre o movimento sócio-interativo de aproximação e de afastamento: “Quanto maior a semelhança entre um pólo de interação social (tal como avaliada por ele em função do que aceita) e outros pólos sócio interativos, menor a distância social (distância exteriorizada) do primeiro em relação ao outro ou outros” (SOUTO, 2006, pp. 228-229).

Outro postulado, sobretudo – mas não exclusivamente – psicológico e mais genérico ainda, seria: “Quanto maior for a idéia de semelhança que o ator de uma conduta humana, mental ou social, tenha, maior a agradabilidade sentida por ele, e, quanto maior esta, mais será desejada por ele. Isso também sempre ocorreria (proposição determinística).” (SOUTO, 2006, p. 229).

Em seguida elabora um terceiro postulado, totalmente objetivo e determinístico, referido apenas a sentimento: “O sentimento de agradabilidade ou de preponderante agradabilidade diante de algo, sempre causa, respectivamente, aproximação ou uma resultante de aproximação, em direção a esse algo, no espaço mental e no espaço social”. (SOUTO, 2006, p.229). Note-se que, consoante o modelo, dependendo do que seja aceito em certo momento, pode ser mais agradável (menos desagradável), para o indivíduo ou o grupo, sacrificar a vida ou os bens econômicos, do que conservá-los. (SOUTO, 1987, pp.24-25, 2006, p. 233). Desse modo, visando a elaboração de um modelo teórico indutivo-dedutivo de interesse sociológico, o autor deduz 44 teoremas a partir dos postulados, sendo tudo comprovado ou comprovável através da pesquisa empírica. Desses teoremas, 13 correspondem a um modelo teórico unificado mental-social. Naturalmente n outros teoremas são dedutíveis dos postulados. (SOUTO, 2006, pp. 233-239).

Embora qualifique modestamente o seu trabalho de “modelo tentativo (...) de uma teoria geral, tanto quanto possível precisa e testável” (SOUTO, 2006, p.239) a proposta de Cláudio Souto representa uma expressiva vertente para os pesquisadores. Entre nós, alguns trabalhos empíricos, baseados na redução teórica proposta por este autor, já começam a fazer parte da bibliografia mais recente sobre o assunto. Como exemplos podem ser citados os estudos sobre distância social e meio

ambiente, elaborados por Vera Borges de Sá (1993) e Érika Pires Ramos (2000), nas pós-graduações em Sociologia e em Direito da UFPE, respectivamente.

3. A experimentação em Teoria Sociológica Geral

Percebe-se que na obra de Cláudio Souto a redução teórica básica é o ponto de passagem imprescindível para que seja demonstrada teoricamente a possibilidade de experimentação quanto a uma teoria sociológica mais geral. E neste aspecto, cabe ressaltar, que o autor reitera o argumento apresentado por Zetterberg (apud SOUTO, 2006,p.27) quando este afirma ser irrelevante se a teoria aparece antes ou depois dos dados das pesquisas empíricas controladas (construção *ex ante* ou *ex post*) Naturalmente a construção teórica *ex ante* (preferida por muitos sociólogos), sendo científica, pressupõe alguma observação prévia informal da realidade (Souto, 1987, p. 50).

Quanto às objeções ao experimento na área do social, Souto destaca aquelas apresentadas por Gross e Krohn, centralizadas na idéia fundamental sobre as diferenças essenciais entre natureza e cultura. Embora confirme as diferenças existentes, Souto ressalta que elas essencialmente não existem. E esclarece o motivo: "...ambas são fenômenos redutíveis a energia – energia condensada, no caso das manifestações materiais e energia sutil no caso do mental e do social considerados em si mesmos. Isso sem prejuízo de que o mental e o social(cuja origem é mental) se manifestem por meios materiais.Ou seja:em sentido lato,a natureza abrange também o mental e o social, todos sendo modalidades energéticas". (SOUTO, 2006, p.174).

Esclarecendo que todas as manifestações da natureza, sejam da física, química, biológica, mental ou social são fenômenos de energia, existentes através de formas diferenciadas, o autor faz referências sobre a possibilidade da metodologia científica ser fundamentalmente a mesma para todos os ramos da ciência.

Embora defensor da experimentação, ele assinala os limites existentes, apresentando alguns pontos relevantes, tais como: o experimento será limitado ao orgânico do processo interativo,ou seja, ao receptivo-ativo. Salientando que embora não tenha evidentemente sentido expor a estímulos experimentais compostos *siv* que estejam cristalizados em meio de comunicação apenas físico – como em um sistema de leis escritas – essa cristalização facilita sua observação científica. (SOUTO, 2006, pp. 173-174). O limite mencionado não subtrai do procedimento experimental a

interação em sua essência, porque em si mesma a ação social é interorgânica ou orgânica exteriorizada.

Salienta ainda que, qualquer que seja o rigor do plano experimental, existirá sempre alguma margem de indeterminação, embora menor quando comparada a outras técnicas de pesquisa; e que somente uma alta freqüência de repetição dos experimentos poderá confirmar os novos caminhos sócio-experimentais.

Quanto às referências bibliográficas sobre a possibilidade desse tipo de pesquisa, ele chama a atenção para o fato de que apesar das fortes críticas ao uso das técnicas de questionário e entrevista, a experimentação ainda não foi utilizada para uma verificação sistemática da Teoria Sociológica Geral. Atualmente as principais referências continuam sendo os clássicos da psicologia e da sociologia.

Em Durkheim ele identifica uma abertura teórica para a experimentação, ainda que implícita, por ter o mestre francês registrado as situações do indivíduo sozinho e do indivíduo em grupo, que corresponderiam a impressões bastante diversas entre si. Afirmou aquele mestre francês: “Mesmo quando há colaboração espontânea de nossa parte para a emoção comum, a impressão que ressentimos é inteiramente diferente da que experimentaríamos se estivéssemos sozinhos. Assim também, quando nos encontramos de novo a sós, desfeita a reunião de que participávamos, os sentimentos por que acabamos de passar produzem-nos o efeito de algo estranho, neles não nos reconhecemos” (apud SOUTO, 2006, 176). Quanto a Sherif (apud SOUTO, 2006, pp.177-178), o seu procedimento experimental em laboratório, referente às normas grupais, é identificado pelo autor como um passo notável para a cientificação da Teoria Sociológica. E acrescenta ser irrelevante que tenha surgido sob o rótulo da Psicologia Social.

Estimulando novas pesquisas, baseadas em experimentos, o autor alerta que “Nada há com efeito que impeça -a não ser uma atitude de inércia - a experimentação freqüente por sociólogos das reações afetivo-somáticas dos indivíduos em situação de interação social recíproca, por exemplo em confronto com situações diversas dos mesmos indivíduos”.(SOUTO, 2006, p.176). E lembra ainda que são as mais comuns em pesquisa sociológica as “técnicas individuais”, em que se investigam indivíduos como tais, como membros de um microgrupo, ou como amostra estatística de um macrogrupo. (SOUTO, 2006, p. 177).

Alertando sobre o estágio contemporâneo, que pode ser denominado de pré-experimental em Sociologia, o autor esclarece sobre as necessidades mais significativas nesta área, tais como a precisão experimental que seja possível; a

natureza da amostragem, que poderá ser simples, sendo os pacientes da experimentação em nível teórico passíveis de ser homogeneizados aleatoriamente, podendo-se inclusive emparelhar quanto a idade, sexo, cultura, meio socioeconômico, inteligência, etc; e sobre a atribuição a uma variável, chamada variável experimental ou variável independente, de vários valores ou variações qualitativas ou quantitativas que afetarão, ou não, a variável dependente.

Quanto às possibilidades mais ambiciosas da teoria experimental dos grupos sociais, o autor vislumbra estas poderão ser concretizadas através da teoria da distância social. E explica: "Naturalmente, a experimentação sobre a teoria da distância social dependerá do que se precise a semelhança. Daí a vantagem da redução do processo sociointerativo ao *intersiv*: a semelhança que aproxima é no sentimento, na idéia e na volição, é entre compostos *siv* interagentes considerados cada um como um todo." (SOUTO, 2006, p.205).

Vislumbrando-se as possibilidades da teoria experimental, torna-se necessário delimitar a trajetória existente, na qual Cláudio e Solange Souto aparecem como destaques, pelo fato da realização de um procedimento considerado pioneiro, na década de 70, a partir de hipóteses vinculadas a uma teoria sociológica geral mais reduzida. Naquele experimento foi medido, através de polígrafo, alguns efeitos afetivo-somáticos em situações de interação social.

Souto esclarece que seu *Teoria Sociológica Geral*, como o próprio título o indica, não é um trabalho metodológico, ou de pesquisa empírica, mas de natureza teórica mais abrangente, procurando demonstrar, nesse campo teórico, a possibilidade de uma fundamentação experimental, direta e intensiva, de uma teoria sociológica mais genérica reduzida – no caso reduzida ao *intersiv* exteriorizado. Por outro lado, as proposições mais gerais formuladas pelo autor poderiam explicar dados experimentais já obtidos, e, de outra parte, seriam, elas próprias, experimentáveis. (SOUTO, 2006, pp. 27 e 195-208).

Conclusões

A pretensão de auto-suficiência metodológica das abordagens coletivistas no pensamento social, tal como a ampla popularidade que possuem, têm concorrido para a elaboração de proposições com reduzidos níveis de abrangência e precisão, além de apresentar poucas características que viabilizem experimentos.

Em face desse contexto, predominante na Teoria Sociológica Geral, observa-se que através de uma posição contra a corrente predominante, Cláudio Souto vem trabalhando em um modelo de teoria geral, seguindo uma diretriz indutivo-dedutiva, na qual são formuladas hipóteses tanto quanto possível precisas e testáveis.

Embora qualifique de forma extremamente modesta o seu trabalho como uma “tentativa de construção de uma teoria” Souto oferece um modelo de teoria geral, com alto poder explicativo, que parece ser o único realizado até o presente momento, de acordo com as pesquisas bibliográficas que foram realizadas para investigar o referido tema.

Através deste modelo teórico, o autor mostra que a existência e propriedades do grupo não podem ser explicadas *somente* por proposições do tipo da abordagem coletivista. Embora reconheça que os grupos possuem propriedades emergentes, ou seja, propriedades que não podem ser atribuídas a indivíduos, ele ressalta que na sua origem eles apresentam uma realidade mental individual. E esclarece sobre um fato, que aparentemente pode parecer uma obviedade: não existe mente grupal real, pois os grupos não são entidades corpóreas. Daí que os grupos não podem sentir, pensar ou querer: eles são antes o que é sentido, pensado e querido em comum por mentes individuais.

É neste sentido que partindo dos sentimentos, idéias e volições, que existem tanto no indivíduo como no grupo, o autor alerta para as diferentes dimensões que este composto *siv* poderá tomar: constituirá um elemento individual-psicológico quando interiorizado mentalmente; um fenômeno social, quando exteriorizado pela comunicação inter-humana e fenômeno grupal se aceito em comum por dois ou mais indivíduos e permanecer a relação sócio-interativa.

E por fazer referência às proposições científicas mais gerais, tudo parece comprovar que Cláudio Souto (2006, p.23) identificou “a chave do deslinde” da realidade social total, quando afirma que esta é “...o próprio homem em sua maneira afetiva-cognitiva-volitiva essencial de ser, a qual se afirma e reafirma incessantemente no processo primário da interação social- processo que sintetiza o inorgânico, o orgânico e o superorgânico, como processo inter-humano que é.”

Embora sentimento, idéia e vontade sejam elementos que se encontram, de maneira esparsa, na literatura sociológica, Souto apresenta a novidade do tratamento teórico *sistemático* e muito abrangente do respectivo composto *siv* – tratamento cujo alcance heurístico aparece claramente nos escritos do autor.

Referências bibliográficas

- BOUDON,R; BOURRICAUD,F.1982.Holisme et individualisme méthodologiques.IN: *Dictionnaire critique de la sociologie*. Paris:Presses Universitaires de France.
- _____.1995. *Entrevista*.Cynthia Lins. Paris:Texto digitado.
- _____; LEROUX,P. 2003. *Y a-t-il encore une sociologie?* Paris, Odile Jacob.
- DURKHEIM,E.1968. *Les règles de la méthode sociologique*.Paris: Presses universitaires de France.
- FALCÃO, J.2003. Cláudio Souto e Miranda Rosa:uma homenagem, quase reflexão. IN: PEREIRA,M.de S. e GOMES NETO,J.M.W.(orgs). 2003. *Sociologia do Direito e do Direito Alternativo*. Ensaios pós-graduados em homenagem a Cláudio Souto. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor.
- JUNQUEIRA,E.B.2003. Entrevista com os Professores Cláudio Souto e Solange Souto.IN: PEREIRA,M.de S. e GOMES NETO,J.M.W.(orgs). 2003. *Sociologia do Direito e do Direito Alternativo*. Ensaios pós-graduados em homenagem a Cláudio Souto.Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor.
- LEVINE, D. 1997. *Visões da Tradição Sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LUHMANN, Niklas. "Vorwort von Niklas Luhmann" In Claudio Souto, 1984.*Allgemeinste wissenschaftliche Grundlagen des Sozialen*. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag.
- RAMOS,E.P.2003.O meio ambiente “sociologicamente” equilibrado:uma análise a partir do composto “siv”.IN: *Sociologia do Direito e do Direito Alternativo – Ensaios pós-graduados em homenagem a Cláudio Souto*. PEREIRA,M.de S. e GOMES NETO, J.M.W.(orgs).Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabris Editor,2003.
- SÁ,V.B.1994. *Distância social e preferência do sexo nas conversas sobre sexualidade*. Um estudo aplicado sobre a teoria do siv (sentimento, idéia e vontade) Dissertação de Mestrado em Sociologia. Recife, Universidade Federal de Pernambuco.
- SOUTO,C.;SOUTO,S. 1968. *The feeling and the idea of justice*.A summary of the exploratory research.Recife: Universidade Católica de Pernambuco, Faculdade de Direito.
- _____.1985.*A explicação sociológica:uma introdução à sociologia*.São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

SOUTO, Cláudio. 1987. *O que é pensar sociologicamente*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

_____. 1994. Beyond the autosufficiency of collectivistic approaches in social thought. In: *Theoria: Revista de Teoría, Historia y Fundamentos de la Ciencia*. vol.9, N° 21. Universidade del País Vasco. pp.31-38.

_____. 2003. Sociologia do Direito, Espinhos e Flores: homenagem recebida e experiência pessoal como professor. IN: PEREIRA, M. de S. e GOMES NETO, J. M. W. (orgs). 2003. *Sociologia do Direito e do Direito Alternativo*. Ensaios pós-graduados em homenagem a Cláudio Souto. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor.

_____. 2006. *Teoria Sociológica Geral*. Uma fundamentação mais abrangente. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.